

FRAGMENTO

DIÁRIO
DE 5/9
MOC. 89

VEJA UMA REALIDADE

O primeiro filme moçambicano de longa metragem, de ficção total e produzido no país, já está a correr na cidade da Beira. Entretanto, o retrato do período que corria, princípios dos anos 70 (o filme só o dá a entender na emissão radiofónica dos guerrilheiros do norte) não aparece completo, porque esse, afinal, não é o alicerce que suporta a estrutura do enredo. Nalgumas cenas nota-se já a política cactanista de «liberalização», que entra em força nos últimos anos do colonialismo. Isso vê-se na vila, onde se desenvolve o filme e igualmente nas grandes cidades, especialmente Lourenço Marques, a mais próxima do cenário da película de José Cardoso.

A ideia base do filme aparece clara desde o princípio: a crescente consciência que nasce nos jovens, especialmente os estudantes, que vivem na escola e depois nos serviços, que a tão apreendida cidadania portuguesa para os naturais das colónias não era a última palavra para se conseguir uma oportunidade igual na vida. São os estudantes (personalizados no filme por Zita, seu namorado e Renato) que já tomam consciência de que, para além de «Por aqui — País de todos» existe uma pátria moçambicana, já abertamente contra alguns dos ensinamentos dos revisionistas dos colonialistas. Qual seria a interpretação para amizade entre o mulato Renato e o negro namorado de Zita?

Um senão para a forma como se mostra o efeito da consciencialização da juventude. É verdade que o despertar dos jovens amadureceu particularmente com os avanços dos ventos soprados do norte. Mas a forma como

Renato e o namorado de Zita encararam a luta pela independência nacional é demasiado madura para a ainda pouca idade dos dois protagonistas da história. É demasiado madura para ser fruto de uma consciencialização quase individualizada e/ou apreendida em emissões de rádio (A Voz da FRELIMO), para mais proibidas.

Foi bastante acertada a escolha do tema das injustiças nas notas escolares (quando se se tratasse de compará-las com as dos filhos dos brancos). Se se seguisse a mesma linha de exemplos para se mostrar que uma nova consciência nascia na juventude, talvez o efeito fosse melhor.

Tomo sempre em conta que não era tarefa fácil saber do mundo e das ideias de emancipação política. A linguagem utilizada mostra que esse «conhecimento» era fácil (há frases que subentendem isso). Exemplos desse despertar e desse conhe-

cimento profundo eram raros, embora existissem.

A cena do acto de amor e o seu epílogo (a Zita a ler a carta do namorado, nesse momento já guerrilheiro de libertação, que Zita espera um filho) fazem recordar o negro Manuel e negra Annaise, dos «Governadores do Orvalho», do haitiano Jacques Roumain.

A dado passo da história do haitiano, Manuel leva Annaise à fonte da vida da aldeia, onde, pela primeira e única vez (tal como Zita e o namorado), se amam, depois da descoberta de um grande segredo: água. No caso de Manuel e Annaise, é a decisão de lutar pelo país, no casal do «Vento Sopra do Norte». O valor dos dois segredos é entretanto, o mesmo: levar uma nova vida à comunidade.

Na parte final dos «Governadores do Orvalho», Manuel morre e na chave de ouro para encerrar o livro Jacques Roumain faz Annaise dizer: «Não, ele não

morreu.

«Tomou a mão da velha e apertou-a docemente contra o seu ventre, onde a vida nova se movia».

No «Vento Sopra do Norte», o namorado de Zita está distante, como guerrilheiro de libertação, e a gravidez volta a aparecer como a razão para a Zita e a sogra, no cativeiro, que é prisão por motivos políticos, continuarem firmes no seu apoio moral ao combatente do norte.

Existem, por outro lado, algumas outras cenas que não encaixam na perfeição.

O governador diz ao administrador Gomes, que, às vezes, o boato serve de arma e dá entender que o seu uso não pode ser posto de parte. Na mesma sequência, o administrador Gomes pede para si a responsabilidade de inventar um hipotético descarregamento de armas para os «subversivos». De seguida está tudo montado para a estratégia do Gomes e aparecem Renato e o namorado de Zita com armas que não são senão santolas que mais não fazem senão morder os dedos do administrador.

Não me lembro, do período de infância, de ter visto dois jovens, aléu do mais, suspeitos de «subversivos», rirem-se na cara da autoridade (em frente aos cipaios) e, depois, saírem, calmanente, sob o olhar do próprio administrador (e este ainda para mais com a arma apertada). Alguma coisa de bastante macabro acontecia.

A parte final do filme, quando Zita e a sogra estão na cadeia, parece demasiado desenquadrada. As cadeias, mesmo que fossem para mulheres e adolescentes, não tinham tanta luz e tanto espaço para passear o olhar e tanto silêncio para se poder distinguir o pio de uma gaivota, a tal que vem completar o poema incabado de Zita. A gaivota nunca podia ter o significado que no filme tem para a sogra de Zita, porque esta não entrou na primeira cena, iniciada por Zita e o namorado na praia. A gaivota representaria o símbolo que representa no filme se fosse vista lá nas terras donde sopra o vento, pelo namorado de Zita.

Mas, é um filme que se vê com agrado e que nas entrelinhas dá-nos lições ainda bastante actuais. As explicações do pai de Zita sobre a estratégia e a força de um povo dentro da sua razão continuam a ser tão actuais como o eram em 70, 71, 72, 73 e setenta e quatro e em anos anteriores.

É uma película que constitui fragmento de uma realidade que existiu no país e por isso se pode enquadrar entre os filmes históricos.

ELTON REBELLO